

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORTE NOS ROMANCES “A HORA
DA ESTRELA”, DE CLARICE LISPECTOR, E “APARIÇÃO”, DE
VERGÍLIO FERREIRA**

PONTA GROSSA

2011

CAMILA DEL TREGIO ESTEVES

CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORTE NOS ROMANCES “A HORA DA ESTRELA”, DE CLARICE LISPECTOR, E “APARIÇÃO”, DE VERGÍLIO FERREIRA

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de graduação em Letras Português Francês do Curso de Licenciatura em Letras Português Francês pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Dr^a Silvana Oliveira

PONTA GROSSA

2011

TERMO DE RESPONSABILIDADE

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO ÉTICO COM A ORIGINALIDADE CIENTÍFICO-INTELECTUAL

Responsabilizo-me pela redação do artigo científico sob o título: CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORTE NOS ROMANCES “A HORA DA ESTRELA”, DE CLARICE LISPECTOR, E “APARIÇÃO”, DE VERGÍLIO FERREIRA, atestando que todos os trechos que tenham sido transcritos de outros documentos (publicados ou não) e que não sejam de minha exclusiva autoria estão citados entre aspas e está identificada a fonte e a página de que foram extraídos (se transcrito literalmente) ou somente indicados fonte e ano (se utilizada a idéia do autor citado), conforme normas e padrões da ABNT vigentes.

Declaro, ainda, ter pleno conhecimento de que posso ser responsabilizado legalmente caso infrinja tais disposições.

Ponta Grossa, 27 de setembro de 2011.

Assinatura do estudante

Camila Del Tregio Esteves

SUMÁRIO

RESUMO.....	v
RÉSUMÉ.....	vi
INTRODUÇÃO.....	07
A MORTE.....	09
OS ROMANCES.....	13
A MORTE NOS ROMANCES.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	23

RESUMO

Este trabalho se deterá na análise de duas obras surgidas no século XX, “A hora da Estrela” (1977), de Clarice Lispector, e “Aparição” (1959), de Vergílio Ferreira, com a finalidade de observar a maneira com que cada uma se apropria da problemática da morte. Considera-se o tema da finitude como uma das grandes questões à qual a humanidade está submetida. Por finitude humana, entende-se o estatuto de “ser” mortal atribuído aos homens. O homem se sabe mortal, e tal saber é acompanhado pela angústia e pelo questionamento de tal condição – decorrem daí as questões sobre o que é a vida e o que é a morte. Ao localizar a questão da finitude humana como significativa no que se refere aos conflitos humanos, espera-se que a mesma esteja presente nas obras literárias, uma vez que tais conflitos, geralmente, são o seu substrato. Para atingir seu fim, o presente estudo inicialmente situará o tema da morte a partir de uma perspectiva contemporânea, presente nas discussões também do século XX, buscando especificar diferentes contribuições para o entendimento da problemática em questão. Em seguida, fará a análise comparativa das obras propriamente ditas, ressaltando a maneira peculiar com que cada autor aborda a temática nos romances em foco.

Palavras chave: morte, literatura, século XX.

RÉSUMÉ

Ce papier va se détenir sur l'analyse de deux oeuvres apparues au XXème siècle, « A hora da estrela » (1977), de Clarice Lispector, e « Aparição » (1959), de Vergílio Ferreira, avec la finalité d'observer la manière donc chaque oeuvre s'approprie de la problématique de la mort. On considère le thème de la mortalité comme une des grandes questions que l'humanité est soumise. Par mortalité humaine, on comprend l'état d'être mortel attribué aux humains. L'homme sait qu'il est mortel, et ce savoir est accompagné par l'angoisse et par le questionnement de cette condition. Les questions sur qu'est-ce que c'est la vie et qu'est-ce que c'est la mort découlent de ça. En localisant la question sur la mortalité humaine comme significative aux conflits humains, on espère qu'elle est présente dans les oeuvres littéraires, depuis que tels conflits, généralement, sont son substrat. Pour atteindre sa finalité, ce papier va d'abord situer le thème de la mort depuis une perspective contemporaine, présente dans les discussions aussi du XXème siècle, et il va essayer d'espécifier des différentes contributions pour la compréhension du problème en question. Ensuite, il fera l'analyse comparative des oeuvres elles mêmes, et il va mettre l'accent sur la façon particulière que chaque auteur aborde la thématique dans les romans au point.

Mots-clés : mort, littérature, XXème siècle.

INTRODUÇÃO

A literatura, tida como expressão artística por meio da palavra, se ocupa das questões significativas relacionadas à condição humana. Grandes obras da literatura universal versam sobre os conflitos humanos, igualmente universais. Consideram-se conflitos humanos universais aqueles que independem de localização geográfica, época, condição econômica ou social. Ou seja, aqueles que concernem às implicações da condição de ser humano.¹

Considera-se o tema da finitude como uma das grandes questões às quais a humanidade está submetida. Por finitude humana, entende-se o estatuto de “ser” mortal atribuído aos homens. O homem se sabe mortal, e tal saber é acompanhado pela angústia e pelo questionamento de tal condição – decorrem daí as questões sobre o que é a vida e o que é a morte.

Ao localizar a questão da finitude humana como significativa no que se refere aos conflitos humanos, espera-se que a mesma esteja presente nas obras literárias, o que efetivamente sucedeu ao longo da história universal da literatura. Para fins de recorte, este trabalho se deterá na análise de duas obras pertencentes ao século XX, “A hora da Estrela” (1977), de Clarice Lispector, e “Aparição” (1959), de Vergílio Ferreira.

Nestas obras, os autores abordam, cada uma à sua maneira e com características ficcionais próprias, a problemática da morte. O intuito deste trabalho é justamente tecer uma análise sobre a abordagem particular destas obras sobre o tema.

¹ A autora do presente artigo, Camila Del Tregio Esteves, é Psicóloga e Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná, graduanda em Letras Português Francês pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Inicialmente, o trabalho se deterá na tentativa de situar a problemática da morte a partir de algumas correntes de pensamento do século XX, quais sejam, psicanálise e sociologia.

Em seguida, tratará da explanação acerca das duas obras, para, finalmente, situar a maneira como a temática da morte pode ser observada em cada uma, proporcionando ao leitor uma abertura para a reflexão sobre o tema.

A MORTE

A consciência da morte está no centro das preocupações humanas, assim, a problemática da finitude certamente aparece nas contribuições realizadas por grandes correntes de pensamento que se propõem a estudar a condição humana. Este trabalho se limita a recorrer a algumas dessas contribuições para um maior esclarecimento sobre o tema, todas contemporâneas às obras literárias em questão.

A psicanálise, surgida no início do século XX, a partir dos estudos do psiquiatra austríaco Sigmund Freud, tem grande relevância para o direcionamento do pensamento ocidental desenvolvido após o seu aparecimento. Isto devido à grande revolução, e polêmica, causada pela nova descoberta da disciplina: o inconsciente. Tal hipótese relativizou tudo o que se conhecia até então tomando como base a consciência como senhora de si.

Em um primeiro momento, no texto de 1915 “O instinto e suas vicissitudes”, Freud considerava em sua teoria os instintos do EU e os instintos de vida, ou sexuais, como condutores da vida psíquica.² No entanto, com suas observações realizadas no decorrer do desenvolvimento da teoria, percebeu que estes dois instintos, tais como concebidos inicialmente, eram insuficientes para dar conta da totalidade dos fenômenos psíquicos. Os fatos relativos à obsessão de repetição observados por Freud apontavam para uma outra direção no que se refere à teoria dos instintos.

Em seu texto “Mais além do princípio do prazer”, escrito em 1920, o autor inicia sua discussão sobre a existência não da oposição instinto do EU e instinto de

² FREUD, Sigmund. **O instinto e suas vicissitudes**: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Imago Editora, 1974, vol. XIV.

vida, mas da oposição instinto de vida e instinto de morte.³ Freud recorre ao substrato orgânico do ser vivo para localizar a possível origem do instinto de morte. Seguindo este direcionamento do estudo da vida orgânica, Freud observa que um instinto seria uma tendência do próprio organismo vivo à reconstrução de um estado anterior. Partindo da idéia de que o inanimado era anterior à existência da matéria animada, o instinto de morte seria uma tendência de retorno ao estado inanimado. Ou seja, seguindo os princípios da natureza, a meta de toda vida seria a morte.

A oposição entre instinto de vida e de morte na vida psíquica seria, para Freud, a origem de sua teoria das neuroses. No mesmo texto, Freud ainda observa que a crença da morte natural não estava presente entre os povos primitivos, que atribuíam a morte à influência de inimigos ou espíritos maus; assim, pondera que a nossa crença na regularidade da morte talvez seja uma ilusão criada para suportamos o sacrifício de viver.⁴

Outro teórico que traz importantes contribuições para a problemática ora abordada, é o sociólogo de origem polonesa Zygmunt Bauman. Em sua obra “O mal-estar da pós-modernidade”, cujo texto original é de 1977, Bauman faz referência direta a um texto escrito em 1929, “O mal-estar na civilização”, pelo já citado Sigmund Freud. Cabe salientar que ambos refletem, cada um à sua maneira e sob o seu ponto de vista (o primeiro sob o ponto de vista da sociologia, e o segundo sob o ponto de vista da psicanálise), questões significativas que concernem ao homem em sociedade.

³ FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Trad. C. Magalhães de Freitas e Isaac Izecksohn. Rio de Janeiro: Delta Ed., 1959.

⁴ Idem.

Bauman, ao problematizar, no texto mencionado, sobre a imortalidade e a mortalidade, chega a uma discussão sobre as conseqüências deste dilema para a vida do homem. Citando um conto do escritor argentino Jorge Luis Borges, “*O imortal*”, o autor chega à conclusão de que a vida humana apenas tem sentido porque o homem tem consciência de que é mortal. No conto, o personagem Joseph, após longa jornada a fim de escapar à própria e temida morte, chega à Cidade dos Imortais, e o que lá encontra é completamente sem sentido. Após o desencanto inicial, Joseph compreende:

“(…) Ser imortal é coisa comum. Com exceção do homem, todas as criaturas são imortais, pois ignoram a morte. O que é divino, incompreensível, é saber que se é imortal. (...) Tudo, dentre os mortais, tem o valor do irrecuperável e do perigoso. Dentre os Imortais, de outro lado, todo ato (e todo pensamento) é o eco de outros que o precederam no passado, sem nenhum início visível, ou o constante presságio de outros que, no futuro, o repetirão a um grau vertiginoso. (...) Nada pode acontecer apenas uma vez, nada é preciosamente precário (...)”⁵

O autor segue concluindo que tudo o que os homens se empenham em fazer, o fazem para dar sentido às suas vidas absurdamente breves. Toda a cultura humana (artes, política, relações humanas, ciência, tecnologia) fora concebida no ponto trágico do encontro entre o período finito da existência física humana e a infinitude da vida espiritual humana.⁶

Bauman aponta ainda que a implacável realidade da morte torna a imortalidade um sonho para os humanos, que tentam alcançá-la a partir de duas estratégias principais: uma coletiva, por meio das totalidades humanas das quais fazem parte (Igreja, Nação, Partido, Causa), que viverão muito mais do que qualquer

⁵ BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 72.

⁶ Idem.

um de seus membros, e isto graças ao esforço de cada um deles, que lhes asseguram a vida eterna à custa da própria vida individual; e a outra, estratégia individual, pois considerando que todos os indivíduos devem morrer, alguns, por sua importância, devem permanecer na memória de seus sucessores. Esta espécie de imortalidade se refere aos governantes e líderes dos homens, por suas realizações, e aos autores (filósofos, poetas, artistas), por seus empreendimentos.⁷

⁷ BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

OS ROMANCES

“A hora da estrela”, de Clarice Lispector é considerado não um romance de amor, mas um romance introspectivo, de reflexão. Trata-se de uma obra que discute o estatuto do *ser*, sob a perspectiva de seu narrador, Rodrigo, que por sua vez escreve um romance, contando a história de Macabéa, sua personagem principal. Há nesta obra duas histórias: a história do romance sendo escrito, e a história de Macabéa.

Lispector inicia o romance, já na primeira página, introduzindo a questão que norteará todo o desenrolar do trabalho: a questão sobre o que é a vida, o que é a morte, o que é o ser. Inicia o texto desta maneira, ainda que logo anteriormente a isto, no final da Dedicatória do autor, já tenha adiantado ao leitor que o livro que se segue está inacabado, porque lhe falta a resposta. Ou seja, o livro trata do que é o sentido da vida e da morte, e não traz respostas a isto, apenas, e é isto que o torna uma grande obra literária, questionamentos que impulsionam o leitor a se inquietar e se questionar também. Ainda na primeira página, Rodrigo, o narrador, diz: “Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever”.⁸

A obra se desenvolve mesclando passagens metalingüísticas, ou seja, passagens que se ocupam da reflexão sobre o que é escrever um romance, com passagens que tratam da história da personagem Macabéa. Há o cruzamento destas duas histórias.

Rodrigo, na obra, é ao mesmo tempo narrador e personagem. É o narrador pois é ele quem conta a história, trata-se de um narrador em primeira pessoa. Ele

⁸ LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p 11.

inclusive se identifica: “Eu, Rodrigo S. M.”.⁹ É também personagem, pois, desempenha uma ação – a ação de escrever um livro. Esta estratégia do narrador é fundamental no romance, uma vez que possibilita o exercício da metalinguagem. A autora não tem a intenção de apenas escrever um romance, ela intenta, além disto, refletir sobre a função de sua escrita, e sobre a maneira como deve escrever.

O processo de criação realizado por Rodrigo, de invenção da história de Macabéa, é explicitado pelo narrador. Isto se configura como uma característica dos romances modernos, em que não há a preocupação com a estratégia da verossimilhança, o narrador deixa claro ao leitor que a história que conta foi inventada, neste caso, foi inventada pelo próprio narrador, que é também personagem.

Macabéa é uma nordestina miserável e caracterizada, principalmente pela ausência de consciência. Ela é alheia à tudo, até mesmo ao fato de que existe. Muda-se com a tia para o Rio de Janeiro, não se sabe o porquê. Após a morte da tia, que era seu único vínculo com o mundo, se hospeda em uma pensão, dividindo o quarto com outras moças, e segue a vida em um emprego de datilógrafa, que executa com mediocridade pois não sabe escrever bem. É uma moça, como muitas outras que apenas vivem por aí, que “não faz falta a ninguém”.¹⁰

O narrador utiliza uma linguagem simples e dura para construir a narrativa, assim como o é a personagem que cria. Macabéa é simples demais, até simplória, não pode ser descrita com palavras rebuscadas. Macabéa não pensa, não se

⁹ Idem. p.13.

¹⁰ LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p 13.

questiona, e tampouco desperta o interesse de qualquer pessoa, ela é “café frio”.¹¹
Ela apenas vivia e não se perguntava por que vivia.

Num mês de maio, mês das noivas, Macabéa encontra o homem que seria seu namorado: Olímpico de Jesus, também nordestino, operário que se autodenominava metalúrgico, ganancioso, briguento, oportunista. As conversas entre os dois giravam em torno das lembranças do nordeste, e do incômodo de Olímpico com as bobagens de Macabéa. Os dois mais pareciam irmãos, não havia o calor da paixão.

Macabéa sonhava se casar com Olímpico, mas ele a trocou por Glória, sua colega de trabalho, pois viu nesta melhor partido.

Um dia, seguindo um conselho de Glória, Macabéa procura uma cartomante, e quando esta lhe põe as cartas, vislumbra pela primeira vez que tem um destino, um futuro. A cartomante lhe diz que ao sair de sua casa, terá uma mudança total de vida, que tudo dará certo e que haverá alegria.

A moça, também pela primeira vez, sente esperança, se apaixona, treme de medo, de alegria e anseia pela vida nova. Ao sair da casa da cartomante, Macabéa é atropelada e morre, sendo este o momento de sua hora de estrela.

“Aparição” também pode ser considerado um romance de reflexão. O narrador Alberto, em primeira pessoa, faz o recorte de um ano de sua vida para contar os acontecimentos e as reflexões do período. Alberto é professor, e este período se refere ao ano letivo que passa lecionando no liceu da cidade de Évora.

O romance também é norteadado pelas questões sobre o que é a vida e o que é a morte, sendo que vai sendo construído a partir da ocorrência de diversas mortes vinculadas ao narrador.

¹¹ Idem. p. 27.

Alberto havia já se intrigado, quando menino, com a sua “aparição” em um espelho – a aparição de si a si próprio, o que desencadeara uma crise existencial a partir da consciência do “eu”. Nesta passagem do romance, Alberto inicialmente toma a sua imagem em um espelho como sendo a de um outro, e se assusta, pensando haver um ladrão na casa. Conforme percebe que se trata de uma imagem de si mesmo, ele vislumbra que há um “eu”, que é diferente de todos os outros, e começa se questionar sobre o que é esse eu, o que o constitui. A angústia que surge então, refere-se ao fato de que, com a morte, não há mais esse eu.

A primeira morte próxima a Alberto, verificada em seu relato, é a de seu pai, é ela que desencadeia seus questionamentos, pois agrava a crise vivida com a aparição do “eu”. Alberto se pergunta, e tenta suscitar o questionamento nos que estão à sua volta, sobre “o milagre da vida e o absurdo da morte”. Seguem-se as mortes de um semeador que se enforca; de uma galinha morta por uma pedrada; a narrativa da morte de seu cão Mondego, no qual Alberto sentia uma “pessoa”; de Cristina, uma criança que propriamente encarnava o milagre da vida para Alberto; da mãe de Alberto; e de Sofia, moça por quem Alberto se apaixonara.

Alberto inicia o romance de maneira angustiada questionando o absurdo da morte, e termina por assumir uma posição de apaziguamento frente à evidência da condição humana.

A MORTE NOS ROMANCES

Em “A hora da estrela”, o narrador Rodrigo revela, ao longo da construção da personagem Macabéa, uma consciência muito vívida sobre o passar do tempo e a proximidade da morte.

Esta consciência é vivida como uma dor. Uma espécie de dor do tempo; na construção de Macabéa, Rodrigo luta por tirar-lhe esta consciência e fazê-la, segundo ele, livre do tempo e da iminência da morte. Ainda segundo Rodrigo, não há em Macabéa a miséria humana, não há o sofrimento da busca pelo sentido da vida. Macabéa vive como um cachorro, ou seja, não tem consciência do tempo, vive um presente eterno em que as sensações têm mais importância do que o porvir.

A história de Macabéa, no entanto, como qualquer história humana, estará marcada pela tomada de consciência de que existe futuro e nesse futuro humano está a morte individual.

Quando Macabéa decide seguir o conselho de Glória e procurar a cartomante, pela primeira vez em sua vida está “ousando”, pois para ela, que nunca havia pensado em nada, desejar saber algo sobre o que estava para lhe acontecer era ousar. Neste momento já se percebe um vislumbamento tímido pela personagem de que há um futuro, e a emergência estrondosa deste futuro se dá no transcorrer do encontro com a cartomante.

No início do encontro, Macabéa ainda se mantém em sua postura inicial, apenas ouvindo as peripécias vividas pela cartomante, que as contava com entusiasmo. Eram experiências de vida que não faziam parte do contexto de Macabéa, eram palavras que inclusive assustavam a moça, pois estavam cheias de vida em excesso, tudo era demais e incompreensível para a infeliz.

Em determinado momento, a cartomante finalmente pede a Macabéa que corte as cartas, e isto a aterroriza, pois é o que lhe indica que ela tem um futuro. Este é o ponto máximo da vida de Macabéa, é o ponto a partir do qual tudo se transforma, uma vez que é depois disto que começa a mudança em sua vida.

A partir deste momento, a cartomante começa a desfilir para a moça uma seqüência de infelicidades, de infortúnios, com os quais Macabéa se identifica, pois afinal, nunca havia tido uma felicidade genuína, ainda que nunca tivesse pensado sobre isto. Até então Macabéa até acreditava que tinha alguma alegriazinha.

Então chega o momento da revelação: a cartomante diz à moça que algo maravilhoso está para acontecer e que sua vida mudará completamente. Provando o poder das palavras, Macabéa toma as da cartomante como verdade, e a iminência do futuro passa a ser real para ela. Agora Macabéa tem futuro.

Macabéa se sente viva e deseja ardentemente o futuro. Ela se posiciona no tempo e deixa de viver como um cachorro. Tomando para si as palavras da cartomante, Macabéa se insere no mundo da linguagem, o mundo propriamente humano. Assim há uma quebra na construção que Rodrigo vinha desenvolvendo para Macabéa, mantendo-a afastada da dor de existir. Nesta hora, ao invés de Rodrigo se aproximar do mundo de Macabéa, desejando não pensar e apenas agir, é ela quem se aproxima do mundo dele, tomando consciência de si e do tempo, e conseqüentemente da morte.

A moça passa a temer a felicidade, que era algo que nunca lhe ocorrera até então: a felicidade, a grande felicidade, era para os outros, este “luxo” não cabia em sua vida.

Saindo da casa da cartomante, Macabéa, aos tropeços pelo atordoamento causado pelas novas, é atropelada. Macabéa agora era uma outra pessoa, ela

existia e tinha um futuro, e este é o momento da hora da estrela, é aí que se justifica o título do livro, escolhido entre outros. É o atropelamento que confere o sentido da vida de Macabéa. Era o destino falando a Macabéa que sua hora havia chegado.

Nestes instantes entre o atropelamento e a morte propriamente dita, Macabéa viu se concretizarem as predições da cartomante. Ela encontrou o sentido de sua vida. Naquele exato momento em que aguardava a morte, caída no chão e sangrando, Macabéa sentiu-se nascendo: conheceu a esperança e teve a consciência de si.

Não só Macabéa passou a existir para si mesma, mas também passou a existir para os outros. Na iminência de sua morte, um bando de pessoas se juntou para olhá-la. As pessoas a viram, perceberam que ela estava ali, e pela primeira vez em sua vida a sua presença modificou algo no mundo. Ela tinha uma existência.

Quanto mais Macabéa se aproximava da morte, mais se sentia próxima à si mesma. Quando praticamente não havia mais tempo, Macabéa teve a consciência que nunca lhe havia ocorrido em vida: "... eu sou, eu sou, eu sou...".¹²

Por fim, Rodrigo anuncia o momento exato da morte como se estivesse anunciando um momento brilhante de salvação: "Nesta hora exata Macabéa sente um fundo enjôo de estômago e quase vomitou, queria vomitar o que não é corpo, vomitar algo luminoso. Estrela de mil pontas".¹³

Assim como Rodrigo, Alberto, narrador/personagem de "Aparição", também revela uma consciência muito vívida sobre o passar do tempo e a inevitabilidade da morte.

¹² LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 84.

¹³ Idem. p. 85.

Alberto vive uma constante busca pelo sentido da vida, em contraste com o que considera o absurdo da morte. Esta reflexão norteia a existência do personagem, e conseqüentemente, a construção do romance.

Na medida em que acontecem as mortes no relato de Alberto, ele organiza suas memórias e suas idéias sobre a temática. A inevitabilidade da morte vai se tornando suportável, até que o personagem pode assumir a posição de apaziguamento frente à morte, ao final do romance, encerrando o relato de suas memórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois romances centram-se na problemática da morte, porém, podem ser encontradas diferenças em sua abordagem.

Em “A hora da estrela”, a morte surge como a possibilidade de salvação, frente a uma vida miserável e cheia de sofrimento. Já em “Aparição”, há o enaltecimento da vida, é a vida que é o milagre, que vem a ser interrompido pela morte.

Ambos partem da evidência da morte, porém, o primeiro a toma como fim necessário e desejável, enquanto o segundo a encara como algo inevitável e sobre o qual só resta ao homem se resignar.

Este posicionamento frente à morte se reflete na linguagem utilizada nos romances. “A hora da estrela”, que centra toda a luminosidade na morte, tem todo o seu desenvolvimento construído por meio de uma linguagem simples e dura, como sua personagem Macabéa, ao narrar a vida – a vida é que é “dura”. Já “Aparição”, que, ao contrário, centra a luminosidade na vida, é construído com uma linguagem mais trabalhada, mais rebuscada, rica em descrições que levam ao prazer estético – lembrando que o que é narrado é um trecho da vida de Alberto.

Tanto Rodrigo quanto Alberto tentam encontrar os seus próprios sentidos por meio das palavras, da linguagem. Rodrigo escreve um romance e Alberto conta suas memórias (o romance se inicia e termina com as palavras “sento-me aqui nesta sala vazia e relembro...”, ditas pelo narrador). Pode-se antever, com isto, que os dois

romances definem a linguagem como a única possibilidade de salvação do ser humano, na medida em que a morte é sempre certa.

Apesar deste apontamento para o qual as duas obras nos direcionam, sobre a salvação por meio da linguagem, fica evidente ainda que os romances, como bem explicitado por Lispector no início de seu texto, não se propõem a encontrar respostas, e sim a suscitar perguntas. Tal é a função primordial dos romances de reflexão: inquietar, ao mesmo tempo em que oferecer a possibilidade de consolo à angústia de ser humano.

Rodrigo, no final do romance, quando reluta em colocar em palavras que Macabéa efetivamente morreu, termina por concluir que a morte é uma necessidade. Se a vida não caminha para um fim, é como se não tivesse razão de ser. Mas ainda assim Rodrigo reluta. Acredita que dizer de uma vez que a moça morreu seria o mais fácil, mas ele não o quer, ainda reflete que o que é mais difícil é viver: “A vida é um soco no estômago”.¹⁴

Macabéa encontra seu sentido pelas palavras da cartomante, ao mesmo tempo em que Rodrigo tenta encontrar o seu próprio sentido por meio das palavras que escreve.

Se as palavras dos romances, destes ou de outros, não são as respostas para a dor de existir, são talvez um seu consolo.

Há as pessoas que, como Macabéa, ainda que não atinjam seu extremo, apenas vivem, agem e sentem as coisas de seu cotidiano. E há as que pensam sobre a sua condição, se inquietam, se questionam e questionam o mundo. A estas últimas, talvez os romances de reflexão tenham mais a dizer, e façam mais sentido.

¹⁴ LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 83.

REFERÊNCIAS

1. BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
2. DIAS, Alzira Mendes Gracinda. **Aparição, de Vergílio Ferreira: uma proposta de abordagem**. Edições Sebenta.
3. FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Trad. C. Magalhães de Freitas e Isaac Izecksohn. Rio de Janeiro: Delta Ed., 1959.
4. FREUD, Sigmund. **O instinto e suas vicissitudes**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Imago Editora, 1974, vol. XIV
5. FERREIRA, Virgílio. **Aparição**. Livraria Bertrand, S.A.R.L., Lisboa.
6. GUIDIN, Marcia Ligia. **Roteiro de leitura para o romance A Hora da Estrela, de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1998.
7. LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.